

Mudando de atitude: coleta e destruição de armas



© Associated Press/Renzo Costoli

Destruição pública de armas no Rio de Janeiro.

Há uma tradição forte, em particular nas Américas, de usar coleta de armas como parte de uma estratégia maior de prevenção do crime. A presença de armas pequenas em áreas pós-conflito pode debilitar acordos frágeis de paz, obstruir a reconstrução e a construção da paz, e aumentar a probabilidade do retorno à violência. Deste modo, o desarmamento de grupos rebeldes, paramilitares, outras forças armadas irregulares, e até de civis é fator decisivo para sustentar os acordos de paz. Contudo, quando as operações de paz e os processos formais de desarmamento terminam, as quantidades excessivas de armas geralmente permanecem nas mãos de ex-combatentes ou outros civis. Assim, os programas de coleta voluntária de armas têm sido usados para reduzir o número de armas em circulação nas situações de pós-conflito em países como Nicarágua, El Salvador e Moçambique.

É improvável que a coleta de armas tenha um impacto duradouro, a não ser que seja parte de uma estratégia ampla para tratar das causas fundamentais do conflito. Com uma conscientização crescente da relação de reforço mútuo entre a segurança

Os programas de coleta e destruição de armas têm sido implementados em vários lugares no mundo inteiro. Enquanto suas características podem variar, seus elementos centrais são essencialmente os mesmos. As últimas propostas de coleta de armas tiveram resultados mistos. O número e as condições das armas recolhidas são muitas vezes insatisfatórios. As armas recolhidas em alguns casos não são destruídas e depois são reintroduzidas em circulação e alguns programas, em particular aqueles que oferecem dinheiro como recompensa, têm aumentado a procura e causado um influxo de armas para uma área. Apesar da divergência sobre sua eficácia, esses programas continuam a receber amplo apoio de autoridades governamentais, agências operacionais, doadores e do público. O número de programas está expandindo, uma tendência que provavelmente continuará, já que a coleta e a destruição de armas foi uma das poucas medidas concretas que recebeu apoio difundido durante a Conferência de Armas Pequenas de 2001.

Uma revisão dos programas recentes de coleta de armas mostra que eles normalmente pretendem apoiar a prevenção de crime ou esforços para construção da paz.

Coleta e destruição de armas receberam amplo apoio durante a Conferência de Armas Pequenas da ONU de 2001.

Quando o desarmamento formal termina, os instrumentos de guerra frequentemente permanecem na sociedade.

e o desenvolvimento, fica mais claro que ambos são necessários para a prevenção de conflito e a construção da paz pós-conflito. A primeira proposta abrangente para unir o desarmamento e as estratégias de desenvolvimento através de coleta de armas, uma tentativa que se tornou conhecida como “armas para o desenvolvimento”, foi realizada na província de Gramsh, na Albânia, em 1999. Atualmente, o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e outras organizações estão desenvolvendo e realizando projetos dentro dessa estrutura em várias regiões e países como Albânia, El Salvador, Ilhas Salomão e partes da África.

Os esforços de coleta de armas anteriores estão hoje em dia sendo analisados para identificar as melhores práticas e evitar problemas antes enfrentados. O conceito recém-surgido de armas para o desenvolvimento ilustra como os programas de coleta de armas estão estendendo seus objetivos, integrando novos métodos e propostas, e prolongando seus cronogramas. Cada vez mais eles fazem parte de estratégias inclusivas de longo prazo, que, ao promover desenvolvimento e segurança humana, tratam das causas principais da violência e consequentemente da procura pelas armas. Isso se reflete na mudança de papel da recompensa, onde há uma tendência de evitar as recompensas individuais e incentivar os esquemas de estímulo coletivo. Outro componente que é cada vez mais incorporado em tais programas é a educação pública que, ao aumentar a conscientização e mudar as atitudes públicas concernentes ao papel das armas na sociedade, ajuda a tornar os programas de coleta de armas mais eficientes. De fato, o número de armas recolhidas podem com frequência ser menos importantes que outros objetivos, tais como estabelecer confiança, influenciar atitudes e criar cooperação e responsabilidade entre grupos numa determinada sociedade.

Cada vez mais, os programas de coleta de armas fazem parte de uma estratégia de longo prazo para tratar da raiz do problema da violência.

A eficácia da coleta e destruição de armas não pode ser determinada sem uma avaliação apropriada.

Tabela 7.9 Exemplos de programas importantes de coleta e destruição de armas pequenas, 1989-2001

Lugar	Périodo	Estrutura	Organizador	Armas recolhidas	Fontes
Gramsh, Albânia	1999	Prevenção da criminalidade/Prevenção de conflitos	PNUD/ UNDDA/ UNOPS	5'981 armas 137 toneladas de munições	PNUD (2000)
Serra Leoa	1999–2000	Construção da paz	MINUSIL	12'695 armas 253'535 munições	ONU, citado no Berman (2000)
Répubblica do Congo	2000–Aout 2001	Construção da paz	OIM/PNUD	2'800 armas 8'000 granadas e outros explosivos	OIM/PNUD (2001)
Bósnia-Herzegovina	1999–Novembre 2001	Construção da paz	SFOR	15'169 armas pequenas 57'492 granadas 5'385'130 munições	SFOR (2001)
Macedônia	Aout–Septembre 2001	Construção da paz	OTAN	3'875 armas 397'625 minas, explosivos e munições	OTAN (2001)
Mendoza, Argentina	2000–01	Prevenção da criminalidade	Governo/ONG	2'566 armas	Appiolaza (2001)
Brasil	2001	Prevenção da criminalidade	Governo/ONG	100'000 armas	Viva Rio (2001)

Quão eficazes são os programas de coleta de armas? Ainda é necessário desenvolver e aplicar critério mais confiável para avaliar esses programas, pois há avaliações insuficientes de programas passados, incertezas sobre qual o critério em que tais avaliações deveriam basear-se, e uma necessidade contínua de desenvolver indicadores que possam medir o sucesso. Um problema fundamental em termos da avaliação do significado da quantidade de armas coletadas é a falta de dados básicos sobre a posse de armas na comunidade alvo, sem o qual é difícil chegar a conclusões significativas. Além do número e da qualidade das armas recolhidas, o impacto social dos programas deve ser avaliado. Sem que os estudos do impacto social sejam conduzidos de forma sistemática, não é possível determinar o efeito verdadeiro que o programa teve na comunidade, como por exemplo em termos de crime, saúde pública e consciência pública de insegurança. A ausência relativa de resultados bem documentados vem gerando uma disparidade importante no debate sobre sucesso e/ou fracasso dos programas. Enquanto esse problema persistir, a eficácia dessas medidas não podem ser averiguadas.